

**CCB**

Cidade  
Aberta /

***Árida***  
Maria Ramos

**BOXNOVA**

# Árida

## Maria Ramos

Direção Artística e Coreografia

Maria Ramos

Desenho de Luz e Espaço Cénico

Vinny Jones

Desenho de Som

Francisco Salgado

Interpretação

Marta Cerqueira

Direção Técnica

Mário Bessa

Acompanhamento Artístico

Martinho R. Fernandes

Uma coprodução Teatro Municipal do Porto, Centro Cultural de Belém e Teatro Cine Torres Vedras

Produção delegada Antunes Fidalgo Unipessoal / Parceria Festival Materiais Diversos

Residências artísticas Festival Materiais Diversos; Teatro Municipal Campo Alegre; EIRA – produção e realização de espetáculos;

Companhia Olga Roriz / Apoio regular à pesquisa coreográfica Fórum Dança / Espaço de ensaio ACCCA; CRIA-ISCTE – Instituto

Universitário de Lisboa / Apoio à divulgação Embaixada do Reino dos Países Baixos em Lisboa

Embaixada da Austrália em Lisboa, CRIA - Festival Olhares do Mediterrâneo / Agradecimentos Benedetta Maxia,

Daíde Costa, Joana Martins, Jorge Soares, Mário Verino, Patrícia André, Simão Costa, Sofia Matos e a todos os que

participaram nos Laboratórios Coreográficos lecionados ao longo do projeto, particularmente: Andrea Brandão,

Daniel Gamito Marques, Dina Costa, Filipa Correia, Filipa Leite, João Charepe, Marco Nobre, Nuno Paixão, Patrícia Quirós,

Rui Dias e Virgílio Beatriz / Projeto apoiado pelo Ministério da Cultura | Direção Geral das Artes

24.25 novembro 2016

Sala de Ensaio / 21h / M/6

Duração aproximada: 45 minutos

Co-produção Teatro Municipal do Porto,

Centro Cultural de Belém e Teatro Cine Torres Vedras

**CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO** ELÍSIO SUMMAYELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / LUÍSA TAVEIRA VOGAL / JOÃO CARÉ . LUÍSA INÉS FERNANDES . RICARDO CERQUEIRA SECRETARIADO / DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL . FERNANDO LUÍS SAMPAIO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÉS CORREIA . PATRÍCIA SILVA . HUGO CORTEZ . JOÃO LEMOS . SOFIA SANTOS / DIREÇÃO DE CENA PATRÍCIA COSTA . JOSÉ VALÉRIO . TÂNIA AFONSO . CATARINA SILVA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES SOFIA MATOS / DEPARTAMENTO TÉCNICO . COORDENADOR DO DEPARTAMENTO TÉCNICO PEDRO RODRIGUES . CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / CHEFE DE EQUIPA DE PALCO PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS . RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS . CÉSAR NUNES . JOSÉ CARLOS ALVES . HUGO CAMPOS . MÁRIO SILVA . RICARDO MELO . RUI CROCA . HUGO COCHAT . DANIEL ROSA / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO . PAULO CACHEIRO . NUNO RAMOS . MIGUEL NUNES / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS / EVENTOS CARLOS MESTRINHO . RUI MARTINS / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA . LUÍS TEIXEIRA . VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA TEMPORADA 2016



No trabalho que desenvolvo, a urgência ou a necessidade surgem quando sou confrontada com os elementos basilares da composição coreográfica: o corpo e o espaço. Em *Árida*, interrogo-me sobre o próprio conceito de corpo e de espaço, explorando as suas possibilidades, testando os seus limites, questionando a sua definição. Em que pensamos, quando pensamos em corpo? E em espaço? Como esperamos que o corpo se manifeste? E o espaço? Como concebemos a relação entre ambos? Só será possível coreografar 'o corpo'? E poderei tornar o espaço tangível? *Árida* prolonga a colaboração com a designer de luz Vinny Jones, na continuidade do trabalho coreográfico *Something Still Uncaptured*. Se aí trabalhámos a partir das ideias de contenção e adensamento do espaço, chamando-lhe 'paisagem-em-ação', neste trabalho, continuamos a desenvolver essa mesma noção, mas explorando as ideias de aridez, de vastidão e de expansão do espaço cénico. Do ponto de vista coreográfico, não me interessa explorar uma visão antropocêntrica, mas usar todos os elementos em palco, sem sentido de hierarquia. O corpo da intérprete, colocado num ambiente árido, exposto, ofuscante, extremo, não assume o papel principal. O seu corpo, no caminho do som, do vento e da luz, será como obstáculo em função do qual o espaço se agita, ressoando, fazendo atrito, moldando-se-lhe, desviando-se... Interessa-me trazer para o palco as agitações do mundo natural, onde o pulsar do ser humano existe como existe o pulsar de outros elementos naturais: um planalto inóspito, uma escarpa a romper a terra... Num palco árido, mas não pobre, estabelece-se uma analogia entre esta visão artística e as regiões áridas do planeta.

MARIA RAMOS

## Nota um

ESTÚDIO JARDIM DO PALÁCIO PANCAS PALHA  
treze de outubro de dois mil e dezasseis

No princípio, um estúdio, uma bailarina e uma coreógrafa [que é também bailarina mas não usa o corpo para demonstrar o desenho que pretende, antes ensaia a criação através das palavras que sugerem a inscrição do corpo no espaço]. Uma ideia: despir o espaço dos seus códigos rotineiros, encontrar na relação com ele uma orografia concreta, explorar os elementos que o atravessam. Inventar uma atmosfera densa, rugosa, hostil se a virmos como hostil, ou natural, como a matéria em que o corpo se modela. Outra ideia: despir o corpo, calar as marcas de outros gestos, do conforto da rotina, dos restos de outros trabalhos, das marcas de outras danças. Trabalhar, despir, trabalhar, até encontrar um corpo/tela, um corpo no qual o espaço e os elementos se inscrevem como sua natureza. Procurar a invisibilidade. Trabalhar um corpo tátil, flexível, resiliente. Um corpo que luta pela verticalidade e que, quando a encontra, roda obsessivamente em torno de um eixo que, inevitavelmente, liga o zénite ao centro da Terra.

## Nota dois

CAFÉ TEATRO DO TEATRO DO CAMPO ALEGRE  
um de novembro de dois mil e dezasseis

Outro espaço, outras possibilidades técnicas e criativas. O corpo já despido e já vestido de novas aventuras encontra o dispositivo técnico e o espaço de jogo, o lugar/potência onde todas as ideias se tornam matéria. Encontra a luz, facto inicial, interruptor da existência. Um corpo novo, aro frio de alumínio envolto numa tela crua, revela humores inesperados. Um corpo que se queria plano, domesticado, previsível, sofre torções, foge para formas que não eram desejáveis. O apelo ao serralheiro é irremediável, como irremediável é a súbita confirmação de que o desejo de estabilidade dos elementos é vão. Todos os corpos neste espaço têm personalidade. Todos encontram formas novas quando tentam ser um corpo real face aos elementos e às circunstâncias que os envolvem.

## Nota três

CAFÉ TEATRO DO TEATRO DO CAMPO ALEGRE  
seis de novembro de dois mil e dezasseis

O palco é um pequeno pedaço do mundo que é igual ao mundo. A Marta repete uma sequência e diz que vai «tentar experimentar». E é isso. Criar é tentar sem sabermos se vamos chegar a experimentar. O ensaio é corrido. Todos os corpos agem e todos os fluxos que ligam os corpos tornam-se matéria da ação. O universo das possibilidades está aberto. As rochas voam, a tela disforme revela a sua versatilidade, reflete a luz, ameaça o espaço, desloca o ar, aspira os elementos. O corpo humano que dança é coreografado pela dança dos elementos que o impelem. Tudo está ainda por construir porque a possibilidade de ser num mundo exposto e árido é uma possibilidade sempre em reconstrução.

JOSÉ LUÍS FERREIRA

## MARIA RAMOS

OEIRAS/BARLAVENTO ALGARVIO

Vive e desenvolve o seu trabalho em Lisboa desde 2009. Entre 1996 e 2009, viveu na Holanda, onde estudou e desenvolveu a sua carreira profissional enquanto bailarina, tendo trabalhado com vários coreógrafos na Holanda, Alemanha, Grã-Bretanha e EUA. Destaca o trabalho com o coreógrafo/diretor Angus Balbernie, apresentado na Tanzhaus nrw, Dusseldorf; Tobacco Factory Theatre, Bristol; Taking Risks Festival, Swindon; CCA-Centre for Contemporary Arts, Glasgow; San Francisco Dance Festival. Concluiu a licenciatura em Dança, (EDDC, 96-00) e Mestrado em Coreografia (ArtEZ Master of Choreography-Moc, 06-08) no ArtEZ – Inst. das Artes, Arnhem, NL. Em Lisboa, fez o curso de Pesq. e Criação do Forum Dança, no contexto do qual criou o primeiro trabalho da trilogia *Um Certo Grau de Imobilidade*, ciclo de trabalhos do qual fazem parte as peças: *7pm/Rumour*; *Nerves Like Nylon* e *Something Still Uncaptured*, coproduzidas pelos dois países e apoiadas pela Fundação Gulbenkian, DGArtes e ArtEZ, apresentadas na Holanda, Portugal e Argentina. Destaca o trabalho pedagógico desenvolvido no Conservatório das Artes da Madeira; ArtEZ, no âmbito do curso de mestrado; Centro de Arte Contemporânea de Glasgow; Centro de Artes 'The North Wall', Oxford e Fórum Dança onde leciona regularmente desde 2012. Publicações: *Like a Dance*, ArtEZ Press, Arnhem. *Detecting, choreographing, sculpting*, The Dutch Society Dance Research, Amesterdão.

## VINNY JONES

AUSTRÁLIA/PAÍSES BAIXOS

Em 2008, recebeu uma bolsa do The Netherlands Foundation for Visual Arts, Design & Architecture, para desenvolver o seu projeto de pesquisa e criação no Institute of Lighting Design, Amsterdão. Em 2013, obteve o grau de mestrado (MFA) em Cenografia, *cum laúde*, no Frank Mohr Institute, Univ. de Ciências Aplicadas em Groningen, NL. Enquanto designer de luz integrou a equipa do Teatro Hetveem e a companhia de teatro holandesa de renome internacional *Dogtroep*, com quem trabalhou durante seis anos em espetáculos *site-specific* de grande escala. O trabalho desenvolvido no âmbito destes dois contextos influenciou a sua forma de trabalhar a luz. Passou a perceber a luz não só como uma ferramenta com potencialidades estéticas, mas também importante na própria criação dramática de um espetáculo. Em 2009 recebeu uma menção honrosa do The World Stage Design in South Korea. Em 2015 foi selecionada para participar na 'Dutch gold-medal winning entry' para a Quadrienal de 'Performance Design and Space' de Praga. Trabalhou no contexto de diversos projetos performativos, desde *site-specific* até Teatros Nacionais, nomeadamente, na Holanda e R. Checa. Recentemente trabalhou com o English National Ballet, GB. Paralelamente ao trabalho que desenvolve em colaboração com outras companhias, VJ, desenvolve a sua pesquisa artística, explorando o conceito de 'olhar tático' na área do design de luz, apoiada por *Dutch Creative Industries Fund*.



BOXNOVA

[ESTREIA]

9.10 dezembro 2016

Sala de Ensaio / dia 9 às 21h  
dia 10 às 19h / M/12

Produção CCB

A SEGUIR

## ÍRIS

Marco da Silva Ferreira  
e Jorge Jácome

ESPETÁCULO INSERIDO NA PROGRAMAÇÃO  
DO FESTIVAL TEMPS D'IMAGES 2016

*Íris* é uma colaboração entre um coreógrafo e um realizador de cinema onde fazemos uma pesquisa sobre a coreografia no cinema, sobre a relação entre o corpo que filma e o que é filmado e sobre interferências no dispositivo cinematográfico através do corpo, contornando a definição de dança e de cinema. Neste processo focamo-nos na interação entre o corpo-performer e o corpo-câmara numa espécie de dueto/trio onde exploramos o potencial do mecanismo cinematográfico. No entanto, nem sempre as imagens que filmamos são o mais importante, mas a forma como os corpos reagem em prol desse registo e consequente apresentação. *Íris* questiona de forma subtil as relações interpessoais, a tecnologia de comunicação, a construção de uma autoconsciência digital e a barreira entre o fictício e o real.

### OUTROS DESCONTOS

- 25% desconto até aos 30 anos e depois dos 65 anos
  - Desconto até 30% com o Cartão Amigo CCB (e lugar gratuito no estacionamento)
  - Não se esqueça do bilhete a 5€ para músicos e estudantes de música (quota limitada)
  - Lembre-se que no Mercado CCB, no 1º Domingo de cada mês, os concertos CCB têm 30% de desconto

### SIGA-NOS

www.  
ccb.pt



TEL  
1820  
INFORMAÇÕES  
E RESERVAS

You  
Tube



#ccbelem  
#amigoccb



## UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM [WWW.CCB.PT](http://WWW.CCB.PT)